



O RAP PARAENSE COMO FORMA DE RESISTÊNCIA NEGRA E PERIFÉRICA: UMA ANÁLISE SOCIOLÓGICA DE NOVO SOL (MANIFESTO SONORO), DE SUMANO

Pará rap as a form of black and peripheral resistance: a sociological analysis of Novo Sol (Manifesto Sonoro), by Sumano

Madson Costa DIAS¹

Universidade Federal do Pará (UFPA)

RESUMO: Este artigo Tem por objetivo analisar o rap paraense Novo Sol, de Sumano, enquanto instrumento sociológico de resistência negra e periférica. A pesquisa que dá origem a este artigo é de natureza bibliográfica e documental, e foi desenvolvida sob a ótica teórica dos Estudos Sociológicos, apresentada por Candido (2006), revelando que toda obra é fruto de um processo socio-histórico-cultural. O texto divide-se em 3 (três) seções, sendo a primeira destinada a relacionar os estudos sociológicos ao rap; a segunda a apresentar o rapper Sumano; e a terceira a analisar, com base na teoria apresentada, a letra de Novo Sol.

PALAVRAS-CHAVE: Rap. Resistência. Sumano.

ABSTRACT: The aim of this article is to analyze Sumano's rap song Novo Sol (Manifesto Sonoro) from Pará as a sociological instrument of black and peripheral resistance. The research that gives rise to this article is bibliographical and documentary in nature and was developed from the theoretical perspective of Sociological Studies, presented by Candido (2006), revealing that every work is the result of a social, historical and cultural process. The text is divided into three sections: the first, aimed at establishing a relationship between Sociological Studies and rap; the second, presenting the rapper Sumano; and the third, analyzing, based on the theory presented, the lyrics of Novo Sol.

KEYWORDS: Rap. Resistance. Sumano.

INTRODUÇÃO

Durante a história, o ser humano desenvolveu incontáveis formas de estabelecer comunicações. O que começou com simples desenhos nas paredes das profundas cavernas acabou, com o passar das eras, se tornando palavra e, em seu ápice, tornou-se

¹Graduando em Letras – Língua Portuguesa na Universidade Federal do Pará (UFPA) – Campus de Abaetetuba. E-mail: madsoncostadias123@gmail.com.



literatura, o mais alto nível da linguagem humana. Esta, considerada por muitos como referente apenas ao texto escrito, é, segundo Candido (2006), algo que pode, facilmente, ultrapassar os limites das páginas. Antes de ser escrita, é oral, logo pode se manifestar das mais diversas maneiras como, por exemplo, nas letras de músicas — e com “músicas” diz-se não apenas às quais frequentemente são abordadas, como a MPB e a Bossa Nova, mas também ritmos periféricos, como o rap. — que podem nos dizer mais do que imaginamos sobre o artista e o mundo em que vive.

Bem se sabe que o ser humano e a sociedade estão diretamente ligados. Todavia, tal qual defendia Paulo Freire, não somos passivos em relação a ela, pelo contrário: agimos a todo momento, moldando a história; e uma das muitas formas de ação é por meio da arte. Dentro deste campo tão vasto, podemos destacar uma manifestação cuja essência é puramente sociológica: o rap, um estilo musical que tem como principal foco denunciar as mazelas sociais enfrentadas principalmente em contextos periféricos.

Entretanto, tomando como recorte o estado do Pará, vemos que ainda há uma grande desvalorização dos rappers locais, enaltecendo o eixo Sul-Sudeste, e esquecendo que a cultura amazônica também possui qualidades, necessitando, assim, de estudos que comprovem tal fato. Para tanto, efetua-se uma pesquisa bibliográfica e documental, analisando o rap como literatura oral de acordo com os Estudos Sociológicos e, a partir disso, estudando o modo como a letra do rap paraense Novo Sol reflete a resistência negra e periférica do povo que vive na região amazônica.

O presente trabalho objetiva de forma geral analisar o rap paraense Novo Sol, de Sumano, enquanto instrumento sociológico de resistência negra e periférica. De forma específica, buscamos I) Entender os principais aspectos dos estudos sociológicos; II) Compreender como o rap se encaixa nessa abordagem; e III) Identificar na letra do rap Novo Sol, de Sumano, as questões sociológicas explícitas e/ou implícitas. Como aporte teórico, temos Antonio Candido (2006), que discorre acerca das relações entre a literatura e a sociedade, e Delphino (2019), que aborda o rap como pensamento político.

1. Os estudos sociológicos e o rap

De acordo com Cândido (2006), toda produção intelectual possui aspectos sociais implícitos ou explícitos que manifestam, muitas vezes, a realidade de um grupo



e a classe social a qual ele pertence, e podemos perceber através desta realidade os problemas enfrentados por esses sujeitos, bem como as relações de poder que ficam evidentes.

Nesse viés, o autor, com o objetivo de fixar ideias e delimitar terrenos, enumerou modalidades mais comuns de estudos sociológicos aplicados em contextos literários, dentre as quais destacamos 4 (quatro). A primeira é formada por trabalhos que procuram relacionar o conjunto de uma literatura, um período ou um gênero com as condições sociais.

A segunda forma de análise, por outro lado, procura verificar a medida em que as obras espelham ou representam a sociedade, de modo a descrever seus aspectos. Ora, sabemos que a letra de uma canção, por exemplo, é carregada de ideologias, e perceber esses traços acaba se tornando uma tarefa extremamente simples à medida que tomamos consciência deles, comprovando, então, a eficácia de observarmos tais criações através dos olhares desta segunda modalidade.

Partindo para a terceira modalidade, temos o estudo da relação entre a obra e seu público, levando em consideração fatores como destino (a quem a obra se dirige) e sua aceitação (como as pessoas irão recebê-la).

A última modalidade que destacamos se refere à função política das obras e dos autores, ou seja, como o autor utiliza sua criação para intervir politicamente e propor mudanças sociais, denunciar desigualdades, ou ainda provocar reflexões críticas no público. Todas essas formas de análise sociológica podem ser utilizadas para o estudo de um gênero musical que tem uma essência fortemente social: o rap, uma forma que muitos homens e mulheres negros e periféricos encontraram de retratar suas condições sociais; espelhar e descrever a sociedade em que vivem; dar voz àqueles que são silenciados pela mídia e pela elite; e intervir de forma política no mundo que os rodeia, denunciando as desigualdades e nos levando a refletir acerca de inúmeras questões, dentre elas a luta de classes.

Essa relação umbilical com as pautas sociais é, segundo Delphino (2019), o que torna o rap um movimento bastante complexo e interessante para se ter como objeto de estudo, pois “seu elemento de união mais significativo é o caráter contestatório da realidade.”. Dessa forma, vemos que o rap pode, aos olhos de ignorantes, ser considerado algo marginal, porém aos olhos da Sociologia, principalmente, é um terreno



riquíssimo para se descobrir e desnudar os mais diversos aspectos relacionados aos problemas sociais que a mídia, muitas vezes, esconde. — ou tenta esconder, pelo menos.

2. Sumano

No cenário amazônico, temos diversos artistas que se utilizam dessa arte para produzir grandes letras. Porém, ainda há uma grande desvalorização de nossos rappers locais, porquanto, dominados pela “síndrome de vira-lata”, enaltecemos os artistas do eixo Sul-Sudeste e não percebemos que, em nossa região, há artistas tão bons quanto — ou até melhores — do que os de regiões supervalorizadas.

Dessa forma, tomando como recorte o estado do Pará, trazemos Sumano, um rapper originário da cidade de Igarapé-Miri, mais especificamente da Vila menino Deus, no Rio Anapu. O artista retrata, por meio de sua arte, as lutas e vivências de um jovem preto do interior. Em 2020, lançou seu primeiro single e, em seguida, o EP Filho do Vento, em 2021. Também lançou seu primeiro álbum de estúdio, chamado NORTES, indicado por diversos portais como um dos principais trabalhos de rap.

3 Análises de letra do novo sol

Novo sol (Manifesto Sonoro)

Paulo Freire do hip hop

Mermo com o mic em off

Ovelha negra nos corre

Enquanto o lobo não dorme

E na missão eu faço Rap enquanto pode

Pra resistência entre nós ser a marca uniforme

Preparado pra vida e pra morte

Malabares da foice no ato de reintegração de posse



*Tem gás lacrimogêneo, tem pimenta que chove
Na cidade dos notáveis não tem nada para os pobres*

*Oxe! Quente como o sol: cena de um corpo militante
Perfurado em baixo do lençol
Cêis bate palma pra polícia enaltecida no jornal
Mas vive do suor do nosso pessoal*

*A nossa história não se conta no fundamental (Não)
É resumida e deturpada no colegial
Num país cordial, das herança feldal
Aonde ainda prevalece o individual*

*Fui fadado a morrer acorrentado
Seja pela polícia ou não. Silenciado pelo Estado.
Quem bate no barraco à madrugada no esculacho
E dá risada da família frente aos pertences queimados?*

*Então, nada como um novo sol. Simplesmente.
Que traga liberdade pra minha gente
Que haja igualdade permanente
Descarregue os pentes
Quebraremos cercas e correntes*

*Na lida vejo tanta vida perseguida
E por não querer ser fantoche
Bato de frente com a ordem que vem de cima
Noiz nos erguemos na luta coletiva
Não queremos viver dos interstícios capitalista*

Aonde o latifúndio dita



E a mídia dissemina, assegurando o poder das oligarquias

E de que vale a nossa vida Mano? Eim?

Se a qualquer hora podem nos trocar por um rebanho

Eu revelei meu sonho: sair do pesadelo

Viver sem dono, ameaça de fazendeiro

Num Estado sesmeiro, subir o PIB nunca refletiu

na distribuição igual do mermo

Como ter esperança tio, se enquanto trabalhamos

Pistoleiros são babás das nossas crianças?

Pense as crianças tia?

Pense antes de descer do carro

E me chamar de vagabundo por fechar avenida

Falam em burocracia. Eu chamo de covardia

Concentração de terra. Nossa bandeira erguida

Eu fiz da guerra uma arte e pra não acredita

Sumano vai rimar no velório da burguesia

Nada como um novo sol. Simplesmente.

Que traga liberdade pra minha gente

Que haja igualdade permanente

Descarregue os pentes

Quebraremos cercas e correntes.

Iniciando o verso um, já observamos uma referência metafórica a Paulo Freire, aplicada ao hip-hop, e tal associação não ocorreu por acaso, já que Freire pregava a ideia de libertação social por meio da educação, mostrando que os indivíduos precisavam entender em que realidade estavam situados e, então, agir sobre ela de forma eficaz. Ademais, também afirmava que o ser humano é, por natureza, ativo



historicamente, moldando as realidades, e deveria tomar consciência dessa capacidade para que tais ações sejam mais poderosas.

Ao associar-se a este grande pensador, Sumano também se coloca em uma posição de educador, adotando uma postura crítica em relação à sociedade e estimulando os ouvintes a fazerem o mesmo, de forma que, a partir da tomada de consciência, decidam agir em relação aos problemas sociais enfrentados por eles. Tal postura se daria “mermo com o mic (microfone) em off (desligado)”, ou seja mesmo quando o artista não estivesse no palco, nos levando a crer que a luta dele não é apenas por meio da música, mas esta é apenas uma de suas armas.

Em seguida, temos o seguinte trecho: “Ovelha negra nos ‘corre’ enquanto o lobo não dorme”. Aqui, vemos a expressão “ovelha negra” sendo utilizada para nos mostrar que a figura do negro pobre e periférico sempre é, para a burguesia, uma figura de desgosto, de algo que é diferente demais e, portanto, não é bem aceito pela sociedade; de algo que está fora do padrão e não deve ser tratado como um igual.

O lobo, por sua vez, é o mal que espreita sorrateiramente nas cidades e nos campos, esperando para fazer vítimas e mais vítimas. Esse lobo não é como os outros: tem fome de cor, tem fome de pobreza, tem fome de gênero, tem fome de oprimidos.

No trecho seguinte temos “e na missão, eu faço rap enquanto pode, para resistência entre nós ser a marca uniforme.”. Aqui, o artista revela a preocupação com um possível momento futuro onde não se possa mais fazer rap, onde não se possa mais criticar a sociedade, onde haja, como houve no passado, uma tentativa de silenciamento da arte. Todavia, enquanto puder, ele fará da música uma forma de luta e resistência, não somente dele, mas de todo um povo que, através de suas letras, tem suas vozes reverberadas.

A seguir, o rap diz: “preparado pra vida e pra morte, malabares da foice num ato de reintegração de posse”. Neste excerto, contemplamos a essência da luta de Sumano: defender seus ideais mesmo que isso custe sua vida. Enquanto faz arte, assumindo a voz dos oprimidos, ele luta por espaços físicos e sociais, apresentando a foice como símbolo dos trabalhadores camponeses que, constantemente, enfrentam problemas de grilagem a mando da burguesia, ao passo que também reflete a morte, o triste fim de muitos que resistem a tais investidas.



Por outro lado, quando se diz “tem gás lacrimogêneo, tem pimenta que chove”, refere-se às demais formas de repressão das manifestações e protestos feitos pela classe trabalhadora. Quando decidem lutar por vidas melhores e por verdadeira igualdade, são tratados como animais selvagens, completamente irracionais, sendo oprimidos e ainda por cima com extrema violência. Quando gritam pela valorização de seus direitos, recebem como resposta bombas de gás lacrimogêneo e spray de pimenta em seus olhos, balas de borracha em seus corpos, e até mesmo chacinas. Sumano apenas retrata a realidade que se vê a todo momento numa sociedade hipócrita, cujos direitos, em sua maioria, não passam de palavras dentro de um livro esquecido em um armário num cômodo qualquer, pois o que se vê na realidade é que “na cidade dos notáveis não tem nada para os pobres”.

Nos versos seguintes, vemos outro cenário que, em contextos periféricos, tem se tornado frequente: os assassinatos de guerreiros sociais. “Quente como o Sol” mostra que tais atos tornaram-se, aos olhos da elite, tão banais, que ocorrem em plena luz do dia, e “cena de um corpo militante perfurado embaixo do lençol” nos apresenta o resultado de muitas lutas por dignidade: a morte, e que, em muitos casos, ocorre pelas mãos daqueles que deveriam nos proteger, mas, tal qual lobos em pele de cordeiro, são nossos executores disfarçados com as fardas de uma justiça cega, surda e muda; uma força que é enaltecida nos jornais por matar aqueles que são vítimas de problemas criados pelo próprio Estado; uma hipocrisia tremenda onde o pobre sua, trabalha, produz riqueza e morre nas mãos da polícia, que é aplaudida de pé pela sociedade que se sustenta pelo trabalho dos oprimidos, como vemos em “ ‘Cês’ bate palma pra polícia enaltecida no jornal, mas vive do suor do nosso pessoal”.

Após isso, vemos que a polifonia torna-se ainda mais evidente: quando o rapper diz “a nossa história não se conta no fundamental (não), é resumida e deturpada no colegial”, vemos claramente uma relação com o povo negro no Brasil, que teve grande parte de sua história apagada e, em muitos momentos, deturpada. O artista também tece críticas ao ensino dessa história nas escolas, que ocorre de forma resumida e, constantemente, apresentada do ponto de vista dos brancos e não dos negros, colocando-os sempre em uma posição de subserviência neste país que, séculos após a abolição da escravidão, ainda permanece preso a amarras de pensamentos e atitudes feudais.



Mais à frente, vemos outro problema social retratado: a hipocrisia de muitos policiais, que destilam seu ódio às populações periféricas e negras com mais afinco do que para com as dos centros urbanos e brancas, como vemos cotidianamente. Isso torna a periferia uma senzala, oferecendo a morte aos que não se conformarem com tal conjuntura, utilizando métodos como a invadir casas e a queima de pertences para amedrontar o povo, refletindo um sadismo sem freios para com os que não tem quaisquer possibilidade de reação que não ocasionem massacres.

O refrão, depois de tais apontamentos, apresenta a esperança em meio a tanta desigualdade: um novo sol, um novo amanhecer além do horizonte, onde pobres e ricos sejam tratados com igualdade real; onde chacinas não sejam mais necessárias; onde o pobre não precise dormir com medo por morar na “favela” e, portanto, “ser criminoso”; uma realidade onde o crime não precise acolher aqueles a quem o estado despreza; um futuro onde cercas sociais e correntes mentais não existam mais.

Na segunda parte do manifesto sonoro, o autor nos diz que, durante sua lida, observa que muitas pessoas são perseguidas de forma constante. Todavia, não se importando mais com o que possa lhe atingir, luta contra o sistema em conjunto com a população oprimida por este, cansada de viver “dos interstícios ‘capitalista’, aonde o latifúndio dita e a mídia dissemina, assegurando o poder das oligarquias”. Sabemos o quanto a mídia influencia na sociedade, e Sumano chama a atenção para a forma como essa mesma mídia favorece a elite, escondendo questões sociais como a crise latifundiária envolvendo o massacre de povos indígenas e demais pessoas que, por medo da morte, acabam perdendo suas terras para pessoas poderosas, sem que haja verdadeira atuação do Estado em defesa do povo, nos levando à reflexão de que, para a sociedade atual, valemos menos do que os rebanhos.

Após isso, diz que seu sonho é “sair desse pesadelo, viver sem dono, ameaça de fazendeiro”, num país onde o aumento do PIB nunca reflete verdadeiramente na qualidade e dignidade de vida da maioria da população; onde os pais pobres saem para o trabalho com medo de seus filhos serem vítimas de “balas perdidas”; reféns de uma polícia racista e sem consciência de classe, mas que é fruto de um estado que, em vez de tratar os problemas sociais, prefere criar espantalhos e jogar as vítimas desses problemas em prisões superlotadas.



Sumano também destaca um outro desafio frequente: a marginalização das manifestações e dos atos de protesto, nos quais os cidadãos que estão lutando por seus direitos e pela melhoria da qualidade de vida para a população sofredora são taxados como “vagabundos”, de acordo com o rapper, por indivíduos que, possivelmente, são afetados pelas mesmas intempéries, mas, em vez de estimular a luta por dignidade e igualdade, preferem apedrejar seu próprio povo e lutar ao lado de quem também os oprime.

Entretanto, o manifesto sonoro enfatiza que, apesar de tudo, isso a bandeira da luta de classes ainda permanece erguida e, através da arte, Sumano nos revela que encontrou uma forma de expor para todos essa guerra social, ansiando pelo momento em que a hegemonia burguesa cairá, e os oprimidos terão verdadeira voz e verdadeiro poder.

Observa-se que, durante a letra da música, o cantor utiliza uma linguagem informal, objetivando aproximar sua criação artística de seu público-alvo: a população que não ocupa os grandes centros. Não à toa, antes de iniciar a canção, o rapper diz: “Esse manifesto sonoro é dedicado à toda a população camponesa, que resiste diariamente a uma sociedade desigual.”. assim, observamos que, propositalmente, as marcas de discurso informal que, para a norma padrão, são irregulares, para ele é uma forma de se conectar com o povo das periferias e fazer com que estes entendam com excelência o que a letra desse rap quer transmitir.

Candido (2006. p. 53) enfatiza que, para compreendermos de fato a função da literatura oral, precisamos distinguir sua função total (intemporalidade e universalidade), sua função social (papel que a obra desempenha na sociedade) e, por último, sua função ideológica (o sistema de ideias refletido). Novo Sol apresenta todos esses aspectos: na função total, vemos sua Independência de tempo e lugar ao abordar temáticas que ocorreram durante séculos, em todos os lugares do mundo dominados por burguesias; na função social, vemos que essa produção artística serve como porta-voz de um povo oprimido, revelando e denunciando obstáculos enfrentadas por ele todos os dias; e no que se refere à função ideológica, conseguimos notar que, durante todo o manifesto sonoro, os ideais de Sumano se evidenciam, estimulando a consciência de classe e a ação diante do sistema capitalista. A partir disso, podemos entender de forma equilibrada este rap enquanto obra literária.



4. Metodologia

A metodologia utilizada no presente artigo é de natureza bibliográfica, na qual há um foco no estudo de obras científicas, para que um determinado trabalho conte com uma base teórica reconhecida e, portanto, confiável, atribuindo, dessa forma, um valor maior à produção intelectual de outrem.

Porém, ao passo que agrega-se obras de cunho puramente também é essencial tratar de materiais que ainda não foram analisados academicamente — como as letras de músicas que não fazem parte do grupo nobre que se vê em estudos (MPB, Bossa Nova, etc.) —. Portanto, com base nestes dois aspectos de estudo, esta é uma pesquisa bibliográfica e documental.

Este artigo surgiu a partir de uma aula de Teorias Estruturais e Pós-estruturais na Universidade Federal do Pará (UFPA) – Campus de Abaetetuba, onde, durante uma atividade de produção textual, houve o contato com os Estudos Sociológicos da literatura. Ao observar tal teoria, não surgiu outra coisa em mente a não ser trabalhar com um estilo musical que, infelizmente, ainda é bastante marginalizado no Brasil, mas que, sob uma ótica sociológica, é riquíssimo: o rap.

Dessa forma, em um primeiro momento, houve a necessidade de abordar os Estudos Sociológicos como a base da pesquisa, utilizando para isso os conhecimentos de Candido (2006). Em um segundo momento, defendendo o rap como literatura fortemente política, utiliza-se Delfino (2019).

Em um último momento, tomando como recorte o rap paraense, selecionamos como objeto a letra de Novo Sol (Manifesto Sonoro), onde Sumano aborda e contesta diversos problemas sociais relacionados ao proletariado e, principalmente, aos negros e demais pessoas que não habitam os centros urbanos.

Unindo, portanto, as teorias ao material analisado, chegou-se ao produto final: uma análise sociológica que revela Novo Sol como ferramenta de resistência de um povo marginalizado, recortando-se o rap do Pará em detrimento da enorme carência no que se refere a pesquisas relacionadas a este estilo musical em nosso território.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vemos, portanto, que o rap paraense, sendo também literatura, é fruto de um contexto sócio-histórico-cultural, e reconhecer sua relevância sociológica é o primeiro passo para acabar com a síndrome de vira-lata que tanto nos consome, fazendo-nos idolatrar a arte do Sul e do Sudeste, principalmente, e esquecer que a Amazônia é Terra Rica em qualidade artística, sendo um celeiro de grandes autores que fazem das palavras uma arma de guerra contra um sistema desigual. Vimos que Sumano, por meio de Novo Sol, nos apresenta uma realidade que os jornais tentam esconder, apontando problemas vividos por todo um povo, levando a reflexões profundas acerca da configuração de nossa sociedade atual, e nos fazendo compreender o rap do Pará como forma de resistência do povo negro e periférico, que encontra nas rimas a voz e a existência que lhes são negadas.

REFERÊNCIAS

- CANDIDO, A. **Literatura e Sociedade**. 9ª Ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- DELPHINO, G. **O rap como pensamento político brasileiro**. Rio de Janeiro: PUC, 2019.
- SUMANO. **Novo Sol** (Manifesto Sonoro). Genius. Disponível em <https://11nq.com/T8C4b>. Acesso em 24/10/2024.